

MANUAL DE OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: EJA E COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

WORKSHOPS MANUAL FOR THE
TEACHING OF GENDER RELATIONS: EJA
IN COMBATING DOMESTIC VIOLENCE

Adelice Pereira de Jesus

1



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

Caetité -BA



PPGELS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE

MANUAL DE OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: EJA E COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

*3 OFICINAS PARA A ELEVAÇÃO
DE ESTUDOS E PRÁTICAS DE
RESPEITO, JUSTIÇA E
VALORIZAÇÃO DAS MULHERES NA
SOCIEDADE MONTEALTENSE NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS.*

Adelice Pereira de Jesus

Autora

Profa. Dra. Maria Lúcia Porto Silva Nogueira

Orientadora

Ana Lúdia Pereira de Barros

Projeto Gráfico e finalização

ADELICE PEREIRA DE JESUS

MANUAL DE OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO: EJA E COMBATE À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Produto Educacional: *Manual de oficinas pedagógicas para o ensino das relações de gênero: EJA e combate à violência doméstica*, resultante da Dissertação intitulada Educação de jovens e adultos e violência contra mulheres no Alto Sertão da Bahia, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Porto Silva
Nogueira

Linha de Pesquisa: Ensino, Sociedade e Ambiente.

Caetité-Ba

2020

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

- ▶ Origem do produto: Trabalho de dissertação intitulado: **Educação de jovens e adultos e violência contra mulheres no alto sertão da Bahia**
- ▶ Nível de ensino a que se destina o produto: Educação básica/educação de Jovens e adultos 7º/8º ano
- ▶ Área de conhecimento: Educação
- ▶ Público alvo: Professores/as, alunos/as da Educação de Jovens e Adultos
- ▶ Categoria deste produto: Oficinas de formação de alunos/as da EJA
- ▶ Finalidade: Promoção de oficinas pedagógicas com dinâmicas de grupo para os sujeitos matriculados na educação de jovens e adultos do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura em Palmas de Monte Alto –Ba, auxiliando na contextualização de respostas às questões de gênero a fim de minimizar a violência doméstica na sociedade montealtense.
- ▶ Organização do produto: Este produto foi constituído a partir da proposta de cinco oficinas com uso de dinâmicas de grupo para formação do alunado do 7º/8º ano da EJA.
- ▶ Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito da autoria do produto, não sendo permitido o uso comercial por terceiros.
- ▶ Divulgação: Por meio digital.
- ▶ Instituição financiadora: a própria autora - Adelize Pereira de Jesus
- ▶ Idioma: Português
- ▶ Cidade: Caetité
- ▶ UF: Bahia
- ▶ País: Brasil

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

J58e

Jesus, Adelize Pereira de

Educação de jovens e adultos e violência contra mulheres no alto sertão da Bahia / Adelize Pereira de Jesus.- Caetité, 2020.

121 fls : il.

Orientador(a): Maria Lúcia Porto Silva Nogueira.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS.
Inclui Referências

1.Autonomia feminina . 2.Educação de adultos. 3.Relações de gênero. 4.Violência - mulheres.

CDD: 374

RESUMO

Falar sobre gênero e seus imbricamentos é um desafio necessário para compreendermos aspectos da organização das relações humanas ao longo da história. Este trabalho tem como objetivo fazer um levantamento dos perfis das estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a partir de Políticas de Escuta, Políticas de saúde, movimentos, integridade e *performances* corporais, na busca de contribuir com a visibilidade dessas mulheres como pessoas de direito, capazes, como agentes sociais, e buscando, ainda, disseminar as culturas de respeito, autonomia de gênero, da não violência e da não submissão feminina. Partindo da confecção de um manual de oficinas pedagógicas para o ensino das relações de gênero na EJA, com realização de três formações presenciais, pretende-se colaborar para a elevação de estudos e práticas de respeito, justiça e valorização das mulheres na sociedade montealtense e proporcionar a 80% do alunado da EJA de 7º/8ºano momentos de aprendizagens capazes de atenuar o índice de violência contra as mulheres, no âmbito do município de P. Monte Alto. Para realizar este estudo, buscamos aparato teórico em autoras que discutem as questões de gênero, tais como SOIHET(1997), LOURO (1997) e SCOTT (1990) e com isso esta pesquisa consiste na promoção de espaços e tempos reflexivo-formativos para auxiliar na superação da desigualdade de gênero, incentivando a cultura da visibilidade, protagonismo e território da mulher em detrimento da cultura de violência, da submissão feminina, por meio de ações voluntariadas e contribuintes para autonomia, cidadania e saúde da mulher. Esperamos promover a compreensão da desigualdade de gênero e capacitar mulheres e homens quanto a compreensão a respeito da lei Maria da Penha, bem como propiciar o conhecimento de ambos, enquanto sujeitos autônomos e construtores históricos de uma nova concepção de gênero. Pretende-se, ainda, mobilizar outras compreensões de corpo e produtividade de gênero e dar visibilidade às mulheres como pessoas de direito no âmbito do município montealtense. Em cada uma das fases organizamos registros escritos, fotográficos e em vídeo, respeitando as diretrizes éticas que conduzem tal ação, de modo a subsidiar as produções de artigos científicos para publicação em evento externo, interno e/ou em revistas da área.

Palavras-chave: Autonomia feminina. Educação de Jovens e Adultos. Relações de Gênero. Violência contra mulheres.

ABSTRACT

Talking about gender and its imbrications is a necessary challenge to understand aspects of the organization of human relations throughout history. This work aims to survey the profiles of students of Youth and Adult Education (EJA), based on Listening Policies, Health Policies, movements, integrity and body performances, in the search to contribute to the visibility of these women as law people, capable, as social agents, and also seeking to disseminate cultures of respect, gender autonomy, nonviolence and female non-submission. Starting from the preparation of a manual of pedagogical workshops for the teaching of gender relations in the EJA, with three face-to-face training, it is intended to collaborate to increase studies and practices of respect, justice and valorization of women in montealtense society and provide 80% of the student of the 7th/8th year EJA learning moments capable of mitigating the rate of violence against women, within the municipality of P. Monte Alto. To carry out this study, we sought a theoretical framework in authors who discuss gender issues, such as SOIHET(1997), LOURO (1997) and SCOTT (1990) and with this research consists in the promotion of reflexive-formative spaces and times to help overcome gender inequality, encouraging the culture of visibility, protagonism and women's territory to the detriment of the culture of violence, female submission, through voluntary actions and contributors to autonomy, citizenship and women's health. We hope to promote the understanding of gender inequality and empower women and men regarding the understanding of the Maria da Penha law, as well as to provide the knowledge of both, as autonomous subjects and historical builders of a new conception of gender. It is also intended to mobilize other understandings of body and gender productivity and give visibility to women as people of law within the municipality of Montealtense. In each phase we organize written, photographic and video records, respecting the ethical guidelines that lead to such action, in order to subsidize the production of scientific articles for publication in an external, internal and/or journals in the area.

Keywords: Female autonomy. Youth and Adult Education. Gender Relations. Violence against women.

**Prezado (a)
Professor (a),**



O presente manual de Oficinas originou-se de uma pesquisa de formação continuada vinculada ao Programa de Mestrado Profissional da UNEB Campus VI em Caetité, no Programa de pós-Graduação em Ensino Linguagem e Sociedade (PPGELS) na Linha de Pesquisa 3 – Ensino, sociedade e ambiente.

Esta proposta visa desenvolver oficinas pedagógicas com dinâmicas de grupo para alunos egressos da educação de jovens e adultos do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura, em Palmas de Monte Alto –Ba, auxiliando na contextualização de respostas às questões gênero a fim de minimizar a violência doméstica na sociedade montealtense.

Dessa forma, as Oficinas poderão ainda servir de repertório para os demais segmentos da modalidade EJA, bem como, em geral, da educação básica. **O manual de oficinas pedagógicas para o ensino das relações de gênero: EJA e combate à violência doméstica**, dispõe do trabalho com dinâmicas de grupo que atendem aos cinco eixos temáticos:

- 1-A educação de jovens e adultos: construção dos sujeitos autônomos;
- 2-Políticas Públicas e as mulheres da cidade, questões sobre a Lei Maria da Penha;
- 3- Cultura, corpo E gênero: Debate sobre as práticas sociais do corpo; estimular a formação da consciência livre de estereótipos e preconceitos contra a mulher; Performance dançante com o alunado Discutindo Gênero.
- 4- Discutindo Gênero e Relato de experiência: O cotidiano de violência contra a mulher, nossas ancestrais e suas histórias que nos inspiram;
- 5- Formação da consciência livre de estereótipos e preconceitos contra a mulher. Performance dançante com o alunado “Discutindo Gênero”. Gênero na Tela -Filme: Acorda Raimundo ...acorda! Vídeo II -Que corpo e esse?

No entanto, devido a pandemia do covid-19, planejamento do produto da dissertação **Educação de Jovens e Adultos e violência contra mulheres no Alto Sertão da Bahia passou por redefinições e adaptações ao novo contexto, configurando-se a execução de três oficinas.** Dessa forma, havendo a necessidade do produto da dissertação do mestrado ser testado, este *Manual de oficinas pedagógicas para o ensino das relações de gênero: EJA e combate à violência doméstica*, apresenta o resultado de três oficinas realizadas no lócus da pesquisa, objetivando promover conhecimentos a respeito da concepção de gênero na sociedade, no intuito de adquirir o título de Mestrado no Programa de Pós-Graduação Ensino Linguagem e sociedade (PPGELS), que propõe como requisito parcial a construção desse produto de intervenção, que busca contribuir no *lócus* da pesquisa para uma educação autônoma e significativa.

Para Foucault (2005), os espaços de saber vêm-se constituindo ao longo da história entrelaçados às estratégias de poder, engendrando espaços de saber-poder. Nesse sentido e partindo de dados anteriormente apontados, foi possível perceber a diferença de acesso das mulheres a determinados espaços em nossa sociedade e suscitou questões que levaram à construção da proposta de um Curso de formação continuada a partir de oficinas pedagógicas com dinâmicas de grupo para a formação dos/das discentes da educação de jovens e adultos que apresento-lhe agora, fazendo votos que possa contribuir com nossas praticas educativas.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as mulheres que já frequentaram um curso de Educação de Jovens e Adultos e que acreditam ser possível construir um futuro diferente. Mulheres guerreiras que são exemplo de coragem, determinação e força.

“Eu não desejo que as mulheres tenham poder sobre os homens; mas sobre si mesmas.”

Mary Wollstonecraft, 1792

Sumário

1.	Introdução.....	11
2.	Comunicados aos/às professores/as parceiros/as da EJA	13
3.	1ª Oficina- A educação de Jovens e Adultos: Construção dos sujeitos autônomos.....	15
4.	2ª Oficina -Políticas Públicas e as mulheres da cidade, questões sobre a Lei Maria da Penha.....	18
5.	3ªOficina - Cultura, corpo e gênero: Debate sobre as práticas sociais do corpo; estimular a formação da consciência livre de estereótipos e preconceitos contra a mulher. Performance dançante com o alunado Discutindo Gênero.....	21
6.	Sugestão de convidados e parceria com segmentos da sociedade civil organizada, públicos e/ou privados.....	24
7.	Referencias.....	25

Introdução

Falar sobre gênero e seus imbrincamentos ainda é um desafio e um desafio necessário. Trata-se de debatermos como este elemento tem sido decisivo ao longo da história, na organização das relações humanas, as quais têm se dado a partir das classificações decorrentes dessas denominações. Assim, os papéis de homem e mulher têm sido inscritos, deixando de lado outras possibilidades de existência, e este binarismo tem ocorrido de uma forma em que as desigualdades nas relações, são latentes.

As hierarquias de gênero, classe e raça não são explicáveis sem que se leve em conta essa divisão, que produz ao mesmo tempo, identidades, vantagens, e desvantagens, assim como as desigualdades. E, nesse contexto “ perseguir as relações de gênero, buscando as singularidades de cada grupo social, centrados nas tensões e embates, sem recusar o que aparece como diferente, é o caminho adotado nesse trabalho”(NOGUEIRA, 2015, p. 25), o qual propõe estes elementos como pilares para elaboração do Projeto: *EJA e combate à violência doméstica*, A intenção é enfrentar décadas de submissão e desigualdades que produziram uma espécie de superioridade masculina em relação às mulheres e junto com elas a ideia nefasta da mulher como objeto de prazer, estando sujeita aos seus comandos e a todo tipo de violência, desrespeito e arbitrariedades. No bojo desse estudo,

Os sujeitos são pensados como identidades construída social e culturalmente ao contrário de se considerar uma identidade forjada e pré-determinada por atributos naturais, assim sujeitos históricos, homens, mulheres, são analisados em suas formas de interação, mesmo admitindo –se os conceitos normativos e simbólicos culturais presentes nos seus processos de formação. A noção de poder reafirma-se como fundamental para se pensar estas relações; é preciso desvendar os espaços em que se dão as intrincadas redes de convivência dos sujeitos sociais [...] (NOGUEIRA, 2015, p. 31)

Ao evidenciarmos nos estudos de gênero que as identidades dos sujeitos são construídas historicamente, percebemos o quanto as mulheres foram violentadas em direitos e oprimidas na sociedade. Nesse sentido, “[o] gênero não deve ser constituído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos.” (BUTLER, 2015, p.242).

Reconhecer o sistema de opressão imputado às mulheres e traçar novos caminhos para a desconstrução dessa realidade, dando voz a classe feminina e propiciar o(re) conhecimento dessa condição é o caminho para uma realidade mais justa, afim de direcionar uma nova reconstrução histórica e social, pautada no respeito e igualdade entre os gêneros, assim como no reconhecimento de todas as formas de existência a partir dele. Ainda, no mesmo estudo sobre a questão de gênero está intrincada não somente a violência explícita, mas também e não menos cruel a violência simbólica tida como naturalizada que determina estereótipos que minimizam os papéis das mulheres como sujeitos de direito, em decorrência da dominação masculina pautados em construções religiosas, históricas e eivadas pelo patriarcado.

Conforme (CHARTIER 1995, p. 40-44), “definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação [...] é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal”. Outrossim, os estudos sobre o gênero devem considerar as relações de poder entre mulheres e homens, bem como as diversas formas sociais e culturais que vão constituir os sujeitos de gênero. Isso porque o gênero “é o primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1990, p.14).

A violência contra as mulheres é uma forma de violação dos direitos humanos, ao atingir o direito à vida, saúde e integridade física. Portanto, foi sancionada em 07 de agosto de 2006, a Lei nº 11.340 - Lei Maria da Penha, que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência contra as mulheres. Apesar do avanço desta legislação, ainda é cruel a realidade de violência contra mulheres a qual pode ser verificada com os altos índices de feminicídios no Brasil e de denúncias recebidas pela Central de Atendimento à Mulher - Disque 180.

Deste modo, visando minimizar essas violências é que propusemos o projeto intitulado: *EJA e combate à violência doméstica*, para servir como incentivo às mulheres montealtenses na sede do município de Palmas de Monte Alto – Bahia, realizado no mês de março, mês da mulher, com alunas(os) do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura, na Educação de jovens e adultos, com oficinas interativas capazes de propiciar um novo olhar sobre a construção dos papéis de gêneros presentes na sociedade, a fim de desconstruir estereótipos em nosso meio. O *locus* eleito para o intento, considerou que a maioria dos estudantes é constituída por mulheres, negras, em sua maioria mães solas de diversas faixas etárias, características essas que, justificaram a nossa escolha como campo de atuação. Consideramos ainda que é um grupo de mulheres com vulnerabilidade às diversas violências domésticas. Este perfil apontou as diretrizes para um trabalho formativo no âmbito de conscientização sobre os papéis de gênero e saúde de mulheres, numa perspectiva do direito à autonomia.

Diante do exposto, é possível compreender que o espaço escolar, rico em sujeitos plurais é local propício a observações, que nos possibilitam detectar como os papéis de gênero estão acontecendo entre homens e mulheres, assim como em outras performances. Todavia, a articulação entre as instituições e serviços governamentais/não governamentais e comunidade, foram de fundamental importância para o desenvolvimento do projeto, buscando a construção de modelo de intervenção com base nos princípios da democracia e da interdisciplinaridade.

Enfim, as evidências mostraram a necessidade de espaços de debates e reflexão no que tange às questões de corpo, gênero, raça e sexualidade na perspectiva de não aceitar o corpo como uma entidade biológica universal responsável pelas diferenças entre homens e mulheres, mas sim como um construto sociocultural e linguístico, produto e efeito de relações de poder, em que todos os sujeitos possam compreender e transgredir as normatizações sociais impostas.

Portanto compreendemos, que a escola enquanto socializadora e produtora de saberes, pode e deve provocar essas mudanças, se antes fizer acontecer discussões consistentes em seu interior e mais especificamente, se seus membros, em especial os agentes educacionais, buscarem a desconstrução de velhos saberes, dando lugar a novos saberes, com vistas à uma educação mais inclusiva. O caminho não é fácil, mas se alguns já se propuseram a percorrer, outros poderão tomar parte nesta caminhada.

Às/aos docentes parceiras/os da EJA: Por que oficinas pedagógicas?



O produto elaborado como requisito básico da conclusão do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade *Stricto Sensu* Mestrado, como descrito anteriormente, teve como premissa básica 5 oficinas, afim de propiciar momento informativo com diversos parceiros especializados no tema proposto para estudo aos estudantes da modalidade EJA no 7º/8ºano do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura, na sede do Município de Palmas de Monte Alto Ba.

De acordo Paviani e Fontana (2009), a oficina pedagógica é uma estratégia de ensino-aprendizagem que enfatiza a ação sem, com isso, perder de vista a base teórica. Trata-se de uma estratégia que promove a vivência de "situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos" e em que a metodologia altera "o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva" (Paviani& Fontana, 2009, p. 77).

Ainda para as autoras, ao planejar uma oficina, o professor deve considerá-la como uma abordagem centrada no aluno e na aprendizagem e não no/a docente, devendo a oficina dialogar com os conhecimentos, os valores, as habilidades e atitudes dos estudantes, bem como com interesses e necessidades deles. Ressaltam, também, que essa estratégia deve ser planejada e desenvolvida de modo a considerar situações-problema apresentadas pelo contexto e pelos estudantes. Nesse sentido, uma oficina pode combinar diversas atividades, envolvendo discussões, estudo bibliográfico, palestras, entre outras (PAVIANI & FONTANA, 2009, p. 78).

Dessa forma, com base nessas orientações acerca da oficina pedagógica, que se alinham à metodologia presente no pensamento de Paulo Freire (1996), no que concerne ao uso do diálogo como princípio para a relação professor-aluno-conhecimento que esta oficina sobre as concepções de gênero foi pensada, afim de levar o conhecimento sobre o tema e desconstruir, através do diálogo, concepções naturalizadas e estereotipadas em nossa sociedade. As oficinas e as atividades correspondentes tiveram temáticas específicas, com planejamento semiestruturado, visando à abertura para aspiralidades temáticas transversais emanadas das falas das partícipes, cuja mediação contava com um profissional da área temática – de modo a responder pelas especificidades que cada tema demanda. Além desses, cada oficina contou também com convidadas das instituições parceiras com formação em Serviço Social, Psicologia, Endemias, Medicina, Direito e outras concernentes à temática prevista para o encontro.

Objetivo Geral

Fazer um levantamento dos perfis das estudantes da EJA a partir de Políticas de Escuta, Políticas de saúde, movimentos, integridade e performances corporais, buscando contribuir com a visibilidade dessas mulheres como pessoas de direito, capazes como agentes sociais e, buscando ainda, disseminar as culturas de respeito, autonomia de gênero, da não violência e da não submissão feminina.

Específicos:

- ✓ Planejar e efetivar momentos de escuta sensível do público partícipe;
- ✓ Empreender espaços de (auto) reflexões sobre as temáticas propostas;
- ✓ Estimular a formação da consciência livre de estereótipos e preconceitos contra a mulher e contra LGBTQIAP+;
- ✓ Propiciar espaços de dizibilidade e disseminação das vozes femininas partícipes do projeto;
- ✓ Fortalecer a ideia de autoestima e autovalorização da mulher;
- ✓ Promover o (auto) reconhecimento do protagonismo das mulheres estudantes da EJA do colégio municipal Eliza Teixeira de Moura em Palmas de Monte Alto Bahia.

Metas

Realizar oficinas afim de colaborar para a elevação de estudos e práticas de respeito, justiça e valorização das mulheres na sociedade montealtense;

Proporcionar a 80% do alunado da EJA de 7º/8º ano oficinas desenvolvidas a partir de práticas e discussões capazes de elevar o índice de consciência sobre o respeito mútuo na convivência entre os sujeitos masculinos e femininos de forma a atenuar o índice de violência contra as mulheres, no âmbito do município de P. Monte Alto.

Público alvo do projeto

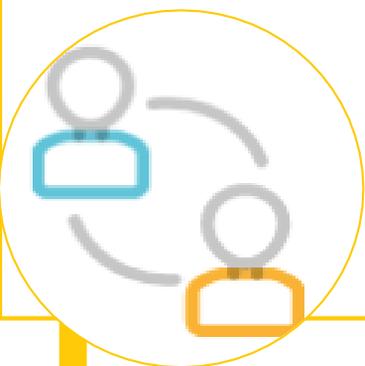
O projeto traz como público mulheres e homens entre 16 e 50 anos, alunas/os estudantes da EJA do 7º/8º ano que não tiveram condição de concluir os estudos na idade convencional até os 17 anos, em sua maioria afrodescendentes, economicamente desfavorecidos de bairros periféricos da cidade de Palmas de monte Alto –Bahia.

Oficinas: Convers(ações)

Consiste na promoção de espaços e tempos reflexivo-formativos para auxiliar na superação da desigualdade de gênero, incentivando a cultura da visibilidade, protagonismo e territórios da mulher em detrimento da cultura de não violência e submissão feminina, por meio de ações voluntariadas e contribuintes para autonomia, cidadania, saúde da mulher.

OFICINA 1:

TÍTULO: A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: CONSTRUÇÃO DO SUJEITO AUTÔNOMO.



Sempre que me perguntam como cheguei a ser feminista, digo que não me fiz feminista, sempre fui. Desde criança. E não por ter lido um livro.

(Chimamanda Ngozi Adichie)



Oficina 1: A educação de jovens e adultos: construção do sujeito autônomo.



Objetivos

- ▶ Planejar e efetivar momentos de escuta sensível do público partícipe;
- ▶ Ampliar os conhecimentos sobre a Política e currículo da EJA. Possibilitar o reconhecimento da EJA enquanto direito.

Carga horaria : 2 horas

Recursos- Data show, vídeos, músicas, cartazes

No que concerne ao nosso trabalho de desconstrução dos papéis de gênero é necessário promover instrumentos como: O manual de oficinas pedagógicas para o ensino das relações de gênero: EJA e combate à violência doméstica, capaz de inserir nessa modalidade da educação de jovens e adultos a desconstrução da classificação binária, de preconceitos, de estereótipos atribuídos às mulheres através da história.

Primeiro passo- Será apresentado o projeto de intervenção no data show, “EJA e combate à violência doméstica, bem como a proposta do tema da dissertação do mestrado, encontro de tirar dúvidas e traçar metas bem como exposição da explanação dos sujeitos da EJA, seus anseios características e singularidades. Se os professores/as participantes já exercem a docência nas turmas de 7º/8º ano, presume-se que a interação ocorrerá de forma natural, após a explanação da temática em slides expostos no auditório do C.M.E.T.M.

Segundo passo -o/a ministrante explica a sequência de passos seguintes para que os participantes possam ficar cientes que acontecerão 3 oficinas como a dinâmica será conduzida a fim de problematizar e repensar o conceito de gênero e como se dão suas relações historicamente produzidas e reproduzidas na sociedade.

Terceiro passo-o/a professor/a colocará uma bandeja em uma mesa no centro do auditório com pequenos doces colados com questões reflexivas “O que quero aqui? ”, exposta também no data show para que todos os participantes possam visualizar, como: o que o/a trouxe à escola na EJA, depois de tantos anos afastado? Qual o seu objetivo ao terminar os estudos? O que faz você permanecer na escola? Você já ouviu sobre a lei Maria da penha? Para que ela serve? Quais as diferenças entre ser homem ou mulher?

À medida que os alunos se dispuserem a pegar um doce eles deverão ler uma frase.

Quarto passo: A apresentação se faz pela ordem em que as pessoas estiverem sentadas. Cada um/a se levanta e diz o próprio nome, o tempo que estão afastadas da escola e logo após faz a leitura da frase, que será lida e respondida pelos/as alunos/as e quem mais tiver interesse na plateia.

OBSERVAÇÃO. A intenção principal nesta oficina é realmente “quebrar o gelo” entre os/as participantes e sinalizar estereótipos naturalizados na sociedade sobre os papéis de gênero. É preciso vencer as primeiras impressões e promover debate sobre discursos estereotipados em que a dimensão da identidade, do gênero, dos afetos e da sexualidade, quando tratados, perpassam discursos de controle.

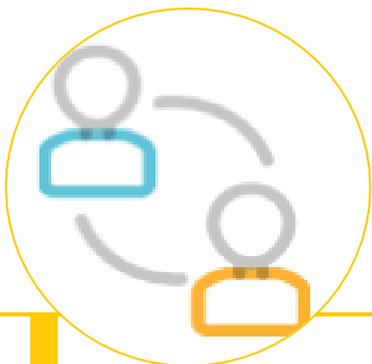
Quinto passo -Em seguida, será designado momento de fala aos/às discente da EJA (registrado com fotos e filmagens), tanto das questões lidas na dinâmica “O que quero aqui? Como sobre as dificuldades enfrentadas para permanecem na escola e fazer um paralelo da realidade entre os/as estudantes dos gêneros feminino e masculino.

Sexto passo-Finalizar com vídeos dos depoimentos dos ingressos da educação de jovens e adultos e fotos dos participantes exposto nos slides, afim de promover um momento de descontração e valorização da autoestima.



OFICINA 2:

POLÍTICAS PÚBLICAS E AS MULHERES DA CIDADE, QUESTÕES SOBRE A LEI MARIA DA PENHA.



Eu não estou aceitando as coisas que eu não posso mudar, estou mudando as coisas que eu não posso aceitar.
(Angela Davis)



Oficina 2: Título: Políticas Públicas e as mulheres da cidade, questões sobre a Lei Maria da Penha.



Objetivo

- Propiciar espaços de dizibilidade disseminação das vozes femininas partícipes do projeto; compreender a Lei Maria da Penha

Carga horária : 2 horas

Recursos -Vídeos, Data show, Canetas, papel e almanaques.

Na segunda proposta de oficina o tema abordado na noite terá como foco “os papéis de gênero construído socialmente”.

Primeiro passo - no princípio da fala apresentação do vídeo “ *no mundo das crianças não se bate em mulheres*”¹ da campanha sobre o combate à violência doméstica contra mulheres. Reflexão do vídeo e logo em seguida a/o ministrante fará um paralelo entre as concepções e estereótipos cotidianos em relação ao tema, reforçada na fala de Simone de Beauvoir, onde a escritora afirma que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher, corroborando com a fala de Joan Scott (1990) sobre as concepções de gênero construídas historicamente na sociedade e Raquel Soihet (1995) sobre a violência simbólica nas relações de gênero.

Segundo passo- explanação da temática Lei Maria da Penha e medidas que as vítimas devem recorrer frente a essa problemática e o que nós enquanto sociedade podemos fazer para minimizar esta situação no dia- a -dia.

Terceiro passo- apresentação imagética que reforça a Lei Maria da Penha em forma lúdica e por fim mostrar um gráfico demonstrativo sobre índices de denúncias sobre violência doméstica em nosso município, deixando bem claro que podemos fazer denúncias anônimas e reforçar a concepção de que em briga de marido e mulher devemos sim, meter a colher!

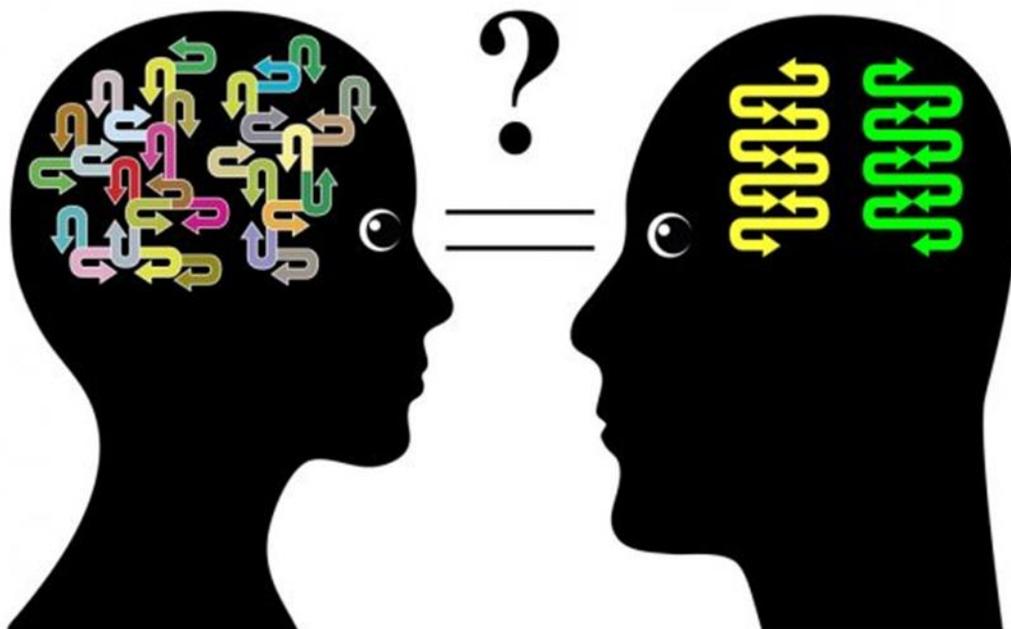
Quarto passo- o/a ministrante colocará frases encontradas na mídia pela parede do auditório e solicitará que os/as alunos/os “passeiem pelo ambiente” e vejam os cartazes expostos.

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=JHNxfj0ULxY>

Quinto passo - solicitar aos/às alunos/as que leiam as frases de cunho machista encontradas na sociedade e que estão expostas no auditório , “*Feminismo não mata ninguém, o machismo sim*”, “*pega ela e joga bebida e taca na rua (letra de música)* ”, “*Ex-namorado de bailarina diz que a matou, pois ela era garota de programa. (Reportagem)* ”.

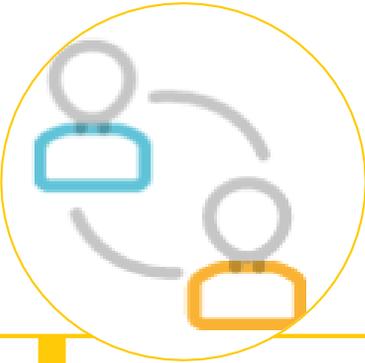
Sexto passo -Como dinâmica serão sorteados bombons para aqueles que se dispuserem a interpretar os cartazes expostos no auditório Jorge Amado do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura sobre os estereótipos de gênero, sobre coisificação da mulher. No momento final serão distribuídos jornais informativos sobre a lei Maria da Penha, bem com um bombom com um lembrete: em briga de marido e mulher devemos manter a colher!

OBSERVAÇÃO: Na aplicação da 2º oficina, há o reforço da conscientização do quanto é importante o tema “EJA e combate à violência Doméstica” na sociedade e o quanto a escola peca por não dar ênfase à temática no sentido de prevenir possíveis casos de violências, libertar mulheres/homens que vivenciam essas amarras sociais, além de desconstruir conceitos historicamente construídos. Sugere-se ainda aos/às ministrantes da oficina que utilizem estatísticas atualizadas sobre a violência no município e no Brasil. As frases do 5º passo podem ser substituídas ou acrescidas de outras mais atuais.



OFICINA 3:

CULTURA, CORPO E GÊNERO: DEBATE SOBRE AS PRÁTICAS SOCIAIS DO CORPO. ESTIMULAR A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA LIVRE DE ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS CONTRA A MULHER.



Honrar a nós mesmas, amar nossos corpos, é uma fase avançada na construção de uma autoestima saudável.
(Bell Hooks)



Oficina 3: Título: Cultura, corpo e gênero: debate sobre as práticas sociais do corpo. Estimular a formação da consciência livre de estereótipos e preconceitos contra a mulher.

Objetivos

- ▶ Estimular a formação da consciência livre de estereótipos e preconceitos contra a mulher e contra LGBTQIAP+
- ▶ Promover o (auto) reconhecimento do protagonismo das mulheres estudantes da EJA do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura em Palmas de Monte Alto -Bahia.

Carga horaria: 2 horas

Recurso utilizados - Vídeos, data show. Canetas e papel.

A terceira oficina com o tema: Cultura, corpo e gênero: debate sobre as práticas sociais do corpo, e estímulo à formação da consciência livre de estereótipos e preconceitos contra a mulher será executada conforme os seguintes procedimentos:

Primeiro passo - o mediador deverá iniciar a palestra da noite com imagens sobre a coisificação dos corpos e o vídeo *de quem é esse corpo?*², para levar a percepção da influência da representação midiática do corpo na construção das subjetividades, evidenciando o caráter histórico das representações nessas construções por meio da problematização dos discursos sobre a beleza, e para estimular a expressão de experiências dos sujeitos da escola frente ao discurso midiático no qual o corpo magro, caucasiano e jovem é tido como padrão de normalidade.

Para LOURO (1999, p.14), mais claramente, o corpo funciona, em primeiro lugar, como a referência que justificará a forma hegemônica de produzir identidades de gênero; em segundo, ele será o primeiro alvo desse processo. Mas será também um veículo que falará de um devir como se este fosse uma presença; um meio de alcançar o alvo final, que é a educação da mente. A escola e o currículo praticado produzem e reproduzem, a partir de certos investimentos sobre os corpos, os estereótipos sociais que marcam as relações de gênero. Descosntruir, através do diálogo formativo, esses conceitos discriminatórios e naturalizados no imaginário social foi a proposta de elaboração da temática da noite.

Segundo passo- após a exposição em slides do tema da oficina com diálogos/formativos, os/as alunos/as colocarão suas ideias “na caixa mágica”. Em seguida o mediador lerá os questionamentos colocados na caixinha, expondo as dúvidas para o público, no intuito de fazê-los refletirem acerca das experiências vivenciadas e enfrentamentos ao machismo e à homofobia; a indagar-se sobre os conhecimentos e os entendimentos a respeito dos conceitos gênero, relações de gênero, homem, mulher, homossexual, heterossexual, cidadania, poder, escola, jovem, adulto, idoso, branco, negro, indígena, rico, pobre; e a estudar sobre as configurações passadas e presentes acerca das relações de gênero.

² <https://www.youtube.com/watch?v=Pp4qMkn2srU>

Terceiro passo - Abrir para uma roda de conversa orientada: para você, é tranquilo pensar em partes do seu corpo? Tem alguma parte do corpo que gostaria de mudar? Você sente vergonha de seu corpo? “Menina pode ser o que ela quiser”; “Em briga de marido e mulher podemos meter a colher”; “Sexo é parte da vida”; “Meu corpo me pertence, meu corpo minhas regras”; “Feminismo, o que é? Isso é coisa de mulher”; “Basta de homofobia, basta de machismo, basta de misoginia”, “Homem chora”; “Escola é lugar para discutir gênero e sexo, sim. ” São frases que nos provocam a novos desafios, pró igualdade e equidade de gênero na escola.

Quarto passo- distribuir papel e canetas para a escritas das respostas das questões levantadas “na caixa mágica “, após o tempo determinado, o/a ministrante pergunta se é necessário prolongar o tempo de estudos. É importante que o tempo seja bem distribuído para que as os/as alunos/as consigam gravar bem os questionamentos, pois, assim, será possível alcançar maior proveito da oficina.

Quinto passo- Para finalizar, construção de um painel coletivo sobre os direitos das mulheres na sociedade, escrita pelos/as alunos/as da EJA com relação às frases contidas na “caixa mágica”, as que mais lhes chamaram para a reflexão.

Sexto passo -a exposição das ideias dos estudantes, apresentação de danças regionais previamente ensaiadas por voluntários do município para o fechamento das oficinas no intuito de minimizar as tensões provocadas pela rememoração de tantos estereótipos construídos socialmente a respeito do corpo masculino/feminino.

OBSERVAÇÃO -Um olhar prévio sobre os resultados parciais da oficinas já induzem para a reflexão acerca da importância de se inventar (DERRIDA, 2001; LOPES 2010) formas outras de organização de projetos formativos, que escutem as subjetivações produzidas pelo público em formação e valorizem o espaço-tempo de produção dessas como o espaço-tempo de formação, do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura – para elucidar a proporção da Violência e o papel da sociedade em se posicionar frente a essa problemática.

Outra sugestão é planejar antes grupos voluntários de dança para o fechamento da oficina.



Sugestão de convidados e parceria com segmentos da sociedade civil organizada, públicos e/ou privados

- ▶ CRAS – Centro de Referência de Assistência Social (Parceria)
- ▶ Psicólogas (colaboradora externa)
- ▶ Profissionais da Enfermagem (colaboradora externa)
- ▶ Advogada (colaboradora externa)
- ▶ Assistente social (colaboradora externa)

Resultados esperados: Promover a compreensão do conceito de gênero e das relações de poder que perpassam os diferentes espaços de convivência. Capacitar mulheres e homens quanto ao conhecimento a respeito da lei Maria da Penha, bem como propiciar o autoconhecimento enquanto sujeitos autônomos e construtores históricos de uma nova concepção de gênero.

Impacto das ações: Diminuir a submissão feminina e mobilizar outras compreensões de corpo e produtividade de gênero; Dar visibilidade às mulheres como pessoas de direito no âmbito do município montealtense.

Ações para a difusão dos resultados

Em cada uma das fases serão organizados os registros escritos, fotográficos e em vídeo, respeitando-se as diretrizes éticas que conduzem tal ação, de modo que possam subsidiar pesquisadores/as nas seguintes produções: - Artigos científicos para publicação em evento externo, interno e/ou em revistas da área.

Culminância

Essas oficinas buscam desenvolver a prática em escrita e produção de texto a partir das narrativas de si, as experiências e histórias cotidianas vividas nas estradas da vida. As ações acontecem de maneira orgânica durante o projeto, sendo que, as participantes serão instigadas a registrarem de maneira verbo-imagética todas as experiências, sensações, pensamentos suscitados (percepção e afetos).

Avaliação

Entendida como um processo contínuo reflexivo-formativo, a avaliação considerará a participação ativa e efetiva das mulheres em todas as fases apresentadas no decurso do projeto. Além disso, pode ser efetivado um processo de acompanhamento contínuo das influências das ações do projeto no cotidiano das mulheres.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. (1990). **Problemas de gênero - Feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2003.
- CHARTIER, Roger. Diferenças entre os Sexos e Dominação Simbólica. In: **Cadernos Pagu** (4). Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Brasil: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1997.
- _____. **Pedagogia do oprimido, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005**.
- FONTANA, Mônica et al. Violência contra a mulher. In: **Saúde da mulher e direitos reprodutivos: dossiês**. RedeSaúde, 2001.
- Lei Maria da Penha. Lei n. 11.340/2006. **Coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Presidência da República, 2006.
- NOGUEIRA, Maria Lúcia Porto Silva. **Mulheres, história e literatura em João Gumes: no Alto sertão da Bahia ,1897-1930**. São Paulo: Intermeios, 2015.
- PAVIANI, N. M. S., & FONTANA, N. M. **Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência**. *Conjectura* 2009. Recuperado de <http://abenfisio.com.br/wp-content/uploads/2016/05/Oficinas-Pedagógicas.pdf>
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**, Educação e Realidade. Porto Alegre, 1990.